



Globalização, Meios de Comunicação e Zona Rural: as transformações culturais no interior do Rio Grande do Sul¹

Vagner Adilio ESPEIORIN²
Kenia Maria Menegotto POZENATO³(orientadora)
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Os meios de comunicação têm um papel de destaque nas transformações sociais. As tecnologias imprimem uma cultura midiaticizada. Nas sociedades urbanas, isso se mostra mais visível, já nas comunidades rurais as mudanças são mais lentas. Este artigo pretende analisar como se dão as alterações culturais nas regiões rurais do Rio Grande do Sul, tendo como base o Nordeste Gaúcho. Nessa região é possível distinguir duas áreas diferenciadas pelo relevo e pela cultura: a Antiga Região Colonial Italiana e os Campos de Cima da Serra. Na primeira, a colonização italiana determinou a produção agrícola baseada na pequena propriedade; na outra, a atividade pecuária incentivou as produções latifundiárias. Na pesquisa Mudanças em Comunidades Rurais: ações e tecnologia, notou-se que essas áreas estão em processo de transformação, devido a fatores tecnológicos e socioeconômicos.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação; Cultura; Globalização; Meio Rural; Turismo.

Introdução

As transformações pelas quais a sociedade contemporânea passa são produto de uma série de fatores que mistura, entre outros, o aprimoramento de tecnologias da comunicação, as modificações da estrutura capitalista e os processos próprios de adaptação cultural. Desde a criação da imprensa por Gutemberg, as formas de comunicação têm se modificado gradativamente graças aos avanços tecnológicos. Estes produzem novas formatações culturais gerando nos indivíduos sociais experiências e sentidos diferenciados dos vividos por gerações anteriores. Santaella (2003) examina a questão das transformações contemporâneas, lembrando que elas alargam seus tentáculos para diversas esferas da vida das pessoas. Afirma a autora que, “O que mais impressiona não é tanto a novidade do fenômeno, mas o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e os conseqüentes impactos psíquicos, culturais, científicos educacionais

¹ Trabalho apresentado ao IJ 7, na divisão temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do Intercom Júnior, no XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PIBIC/CNPq no Grupo de Pesquisa Cultura e Comunicação da UCS. E-mail: vaespeio@ucs.br.

³ Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Aix-Marseille III.

Coordenadora/Orientadora do grupo de pesquisa Cultura e Comunicação. E-mail: pozenato@terra.com.br



que eles provocam” (SANTAELLA, 2003, p. 18). A mesma estudiosa lembra ainda que, do ponto de vista de modificação social:

[...] a revolução tecnológica que estamos atravessando é muito mais profunda do que foi a revolução provocada pela invenção de Gutemberg. E ainda mais profunda do que foi a explosão da cultura de massa, com seus meios técnicos mecânico–eletrônicos de produção e transmissão de mensagens. Tais transformações são tão vastas a ponto de atingir proporções antropológicas (SANTAELLA, in: BAIRON; PETRY, 2000, p.7).

O campo de atuação dessas transformações se propaga, assim, aos vários segmentos sociais que coabitam na esfera global e na esfera regional. Isso porque, na atualidade, o capitalismo contemporâneo constroi estratégias mercadológicas para ampliar o espectro de consumidores. Os meios de comunicação ocupam um espaço valoroso para a condução dos objetivos de maximização do mercado, especialmente com as estratégias publicitárias.

As sociedades urbanas, graças o conglomerado habitacional e à infraestrutura que possibilita o acesso a tecnologias como TV e Internet, modernizaram-se primeiro e se mostraram terrenos férteis para a proliferação de uma cultura midiaticizada. As sociedades rurais, no entanto, tiveram um atraso considerável para a proliferação das tecnologias de comunicação e informação. Por motivos adversos aos das zonas urbanas.

Este artigo visa apresentar os resultados da Pesquisa MUDANÇAS EM COMUNIDADES RURAIS: AÇÕES E TECNOLOGIA, mantida pela Universidade de Caxias do Sul. O projeto buscou analisar como os avanços tecnológicos, especialmente a Televisão e a Internet, têm modificado as estruturas socioeconômicas e culturais das áreas rurais do Rio Grande do Sul.

Os pressupostos teóricos da análise

Ao longo do século XX, diversos trabalhos analisaram como as tecnologias de comunicação emergentes influenciavam o comportamento e o relacionamento das pessoas no meio social. Até hoje, determinar quanto e como os meios de comunicação moldam as estruturas socioculturais não é tarefa fácil.

Sabe-se, no entanto, que, desde o momento em que as primeiras mídias surgiram, a sociedade sofreu fortes transformações. O cinema inovou ao levar a imagem para a tela e, sem dúvida, mostrou as possibilidades de homogeneizar o público. Mas foi o rádio e as ações estratégicas da Alemanha na Segunda Guerra Mundial que apresentaram de fato o poder dos meios de comunicação. As teorias da época buscaram mostrar que os indivíduos eram



passíveis frente ao poder de persuasão das mídias. Posteriormente, outras pesquisas seriam realizadas e comprovariam que a situação não é, assim, tão onipotente.

Então, os meios de comunicação alteram a estrutura social na qual estão inseridos, porém fatores exteriores a eles também acabam moldando a formatação cultural. Analisar as mudanças culturais exige mais do que pensar a comunicação como aparato técnico. Como afirma Wolton:

Compreender o lugar e o papel da comunicação na sociedade significa analisar as relações entre as três características da comunicação: o sistema técnico, o modelo cultural dominante e o projeto que sustenta a organização econômica, técnica e jurídica do conjunto de tecnologias de comunicação (WOLTON, 2003, p. 13).

A esfera histórica deve ser levada em conta quando se busca adentrar em um espaço sinuoso para verificar alterações culturais a partir das mídias. Mas não é só ela. Fatores econômicos e políticos também ganham destaque para alcançar esse objetivo. A efetivação do entendimento daquilo que se passa com a realidade social apresenta uma complexidade maior do que simplesmente verificar qual o peso das tecnologias da comunicação na esfera cultural. O que se sabe é que as transformações que ocorrem entre os colonos das regiões rurais do Rio Grande do Sul são produto de uma série de peculiaridades que envolvem a entrada da televisão no cotidiano das famílias, a aproximação territorial da cidade, a presença dos turistas nas localidades analisadas, entre outros fatores.

A pesquisa MUDANÇAS EM COMUNIDADES RURAIS: AÇÕES E TECNOLOGIA buscou trabalhar a realidade a partir de suas várias faces, elencando o método dialético para isso. Instrumentos de pesquisa, como questionários, buscavam detalhar a situação atual das comunidades rurais, sempre levando em conta as formas de vida dos pais dos entrevistados. Tal metodologia pretendia analisar como (e se) a inserção dos meios de comunicação alterou a estrutura social, e também ver se outros aspectos modificaram culturalmente a vida dos colonos.

A pesquisa teve como recorte espacial regiões com características diferenciadas do ponto de vista de colonização e tradição cultural. Primeiramente, foi verificado como ocorre a inserção dos meios de comunicação na zona rural da Antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, que apresenta a produção agrícola baseada na pequena propriedade, com vistas à subsistência. Foram escolhidas para tal tarefa as regiões rurais de três cidades: Caxias do Sul, Flores da Cunha e Farroupilha. Para o estudo da atividade turística ampliou-se o campo de análise para os municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi. Além desses



municípios, com forte tradição de imigração europeia, foram selecionadas as zonas não urbanas de algumas cidades das regiões dos Campos de Cima da Serra: São Francisco de Paula, Bom Jesus e Ipê, acrescidas de São José dos Ausentes e Cambará do Sul estas duas para o estudo do turismo. Nessas cidades, a miscigenação cultural e a colonização portuguesa produziram uma formação social diferenciada da região de minifúndio, justamente porque, nas cidades dos Campos de Cima da Serra, as propriedades visavam à comercialização da produção e mantinham propriedades latifundiárias. O recorte temporal vai de 1985, ano em que a eletricidade e a telefonia, infraestruturas que possibilitam o acesso à TV e à Internet, chegaram às regiões pesquisadas, até 2009, ano de conclusão da pesquisa.

As regiões pesquisadas: a influência da colonização

A região Nordeste do Rio Grande do Sul é formada por cidades que apresentam uma característica marcante: a forte presença de imigrantes italianos. Quando os europeus chegaram à região, a mata densa dominava as paisagens locais. A vinda dos imigrantes italianos representava uma tentativa do Império em mudar a estrutura econômica baseada no trabalho escravo. O Império percebia as transformações sociais do período. Alterar a forma de trabalho era quase inevitável.

Em 1875, quando chegaram à região os primeiros italianos, a Europa, especialmente os países que tiveram o processo de unificação territorial tardio, casos da Itália e da Alemanha, passava por grandes alterações na estrutura social, e o governo desses países acabaram por incentivar a ida de colonos para as regiões da América.

O estabelecimento dos italianos acabou desenvolvendo a região. Explica Giron (1994) que, ao chegarem à Serra Gaúcha, os imigrantes acabaram se dividindo em comunidades, e, a partir delas, gerando pequenas propriedades. A produção agrícola era destinada à subsistência e o excedente vendido a intermediários que comercializavam os produtos com a região de Porto Alegre. O lucro obtido com essa venda acabou gerando o capital que aos poucos foi investido na industrialização, especialmente no setor metalúrgico. Hoje, a Serra Gaúcha, principalmente a cidade de Caxias do Sul, apresenta uma grande produção industrial que, de fato, se deu a partir da exploração dos pequenos proprietários. Como afirma Giron:

Seria ingenuidade supor que as pequenas propriedades pudessem gerar o capital necessário para a industrialização da região. Não havendo dinheiro nem para as despesas familiares. Foi o comércio o fator de acumulação do capital empregado na criação de empresas. (GIRON, 1994, p. 39).



A Região dos Campos de Cima da Serra apresenta uma formação diferenciada da região de minifúndio. Nela a colonização foi basicamente de portugueses e açorianos. A economia dessas localidades foi baseada na propriedade latifundiária graças ao projeto pecuário que precisa de grandes extensões de terras. Além disso, as grandes fazendas tinham seus trabalhos realizados pela mão de obra escrava; quando a escravidão foi revogada, essas fazendas acabaram sofrendo um declínio produtivo.

A região dos Campos de Cima da Serra teve a influência muito forte dos tropeiros que levavam o gado das estâncias do Uruguai para as regiões de São Paulo e Minas Gerais. Atualmente, devido às belas paisagens que compõem um cenário diferenciado do resto do Brasil, essas regiões serranas apresentam uma farta capacidade de atração de turistas. Para poder perceber as transformações pelas quais as sociedades investigadas passavam, a pesquisa passou a analisar também a influência do turismo na formatação cultural das sociedades das regiões coloniais do Rio Grande do Sul.

A perspectiva cultural

A cultura molda os homens e é moldada por eles. Em todas as sociedades é perceptível a transmissão de características coletivas aos indivíduos que nascem. No entanto, não se pode desconsiderar o poder de mudança que os sujeitos envolvidos têm em alterar determinada cultura. Nesse sentido, conforme afirma Pozenato (2009, p. 142), “ [...] a cultura não é inata nem estática, é adquirida e mutável, e é essa cultura evolutiva que escreve a história de um grupo humano”.

Definir cultura não é tarefa fácil, isso porque os estudiosos do assunto divergem na busca por um conceito único para a ela. Alguns a usam no sentido mais estrito, para definir basicamente as manifestações artísticas. O conceito mais acadêmico prevê uma perspectiva mais social ao termo, servindo para definir características coletivas a um determinado grupo humano.

Do ponto de vista psicológico, deve-se analisar a cultura sobre o viés da lembrança. Nesse aspecto, Freud (apud POZENATO; GIRON, 2009, p. 90) lembra que “ [...] as memórias coletivas são construídas como as do indivíduo, só que enquanto a memória individual visa à felicidade individual, o superego coletivo tem a ‘função de impor restrições de ordem ética, e que constitui o ponto mais doloroso de uma civilização’”. Pozenato e Giron (2009, p. 90) complementam o pensamento freudiano e lembram que “[...] o caráter disciplinador das lembranças ocasiona por vezes não só o mal-estar na civilização, como no



grupo”. Seria, então, esse caráter disciplinador o responsável por manter certos aspectos da cultura como algo de difícil alteração.

Entre a disciplina e as alterações culturais fica um sistema muito importante para a coesão social nos grupos humanos: a comunicação. Ela é responsável por passar às gerações futuras os aprendizados. É ela que prolifera as tendências de mudanças, e, por fim, a comunicação é o canal de transmissão das novas informações que podem remodelar as manifestações culturais. Ao tratar da comunicação, Laraia diz que:

[...] é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral (LARAIA, 2005, p. 52).

Comunicação: a presença das mídias

É inegável o poder que os meios de comunicação exerceram na sociedade mundial no Século XX. As mídias reestruturaram a forma das pessoas se relacionarem e produziram a cultura da era midiaticizada. As identidades coletivas foram remodeladas graças às mídias de massa. O cinema e o rádio produziram significantes exemplos de como os meios de comunicação passaram a ter um papel importante na vida das pessoas. Mas foi a televisão que se mostrou a mais massificadora de todas as tecnologias.

Trouxe para si os formatos de programação do rádio, tem como característica própria a forte presença da imagem e consegue levar ao público entretenimento e informação sem a necessidade de sair de casa. Além dessas situações, a televisão, assim como o rádio, apresenta forte potencial comercial, pois incentiva e impulsiona os produtos por ela anunciados.

Com o passar dos tempos e com as novidades tecnológicas, o computador, acompanhado da Internet, produziu uma nova possibilidade de interação dos indivíduos. O aprimoramento técnico melhorou a qualidade de transmissão das informações e, aos poucos, essa forma de tecnologia vem conquistando mais mercados. Ao contrário da televisão, a Internet possibilita a comunicação instantânea, com interatividade entre emissor e receptor.

Essas novas tecnologias de comunicação produziram de fato uma sociedade da informação. Nessa nova comunidade, as mídias ganham papel de destaque e englobam pra si a vida social, política e econômica. A vida social na medida em que as pessoas passam a se encontrar de outras formas, por meio de comunidades de internautas ou por sistemas de comunicação como *messenger's*. A vida política ganha destaque na mídia, no momento em



que o debate e o serviço públicos ficam a cargo da instância jornalística. E afeta a vida econômica, porque, conforme Straubhaar e LaRose (1997, p. 50), as novas tecnologias desenvolvem “[...] uma industrialização orientada para a informação, sendo esta tratada como objeto (*commodity*), em vez de recurso público”.

As novas possibilidades de mídias eletrônicas e digitais alteram a vida das pessoas. Elas promoveram rupturas com o sistema cultural na qual se colocam, isso porque produzem novos aprendizados, que, de fato, movimentam e estabelecem as alterações sociais. Lipovetski analisa o peso da mídia ao estudar as transformações na cultura liberal. O autor lembra que:

A partir dos anos 60, as grandes instituições coletivas perderam uma considerável parte do seu poder regulador. Mulheres, jovens, minorias sexuais, cidadãos e crentes, entre outros, libertaram-se dos modos de enquadramento sociais anteriores. Comunicação e consumo, juntos, colocaram em órbita, há meio século, a “segunda revolução individualista”, marcada pela falência dos grandes sistemas ideológicos, pela cultura do corpo, do hedonismo e do psicologismo, pelo culto à autonomia subjetiva. Nesse contexto, as condutas individuais são cada vez menos limitadas socialmente, cada um tendo liberdade para compor e recompor suas orientações e modo de vida através da oferta crescente de referências. Paradoxalmente, o império do consumo e da comunicação de massa gerou um indivíduo desinstitucionalizado e opcional, disposto, em todos os planos, a ter o direito de dirigir a si mesmo (LIPOVETSKY, 2004, p. 70-71).

A Globalização, alicerçada nos meios de comunicação, possibilitou muitas alterações, especialmente quando analisada a esfera urbana. A zona rural, no entanto, não passa despercebida por essas alterações socioeconômicas e culturais. Verificar as transformações sociais na zona rural passa a ser, a partir de agora, um dos objetivos deste artigo.

As mudanças encontradas

Os agricultores estão passando por importantes mudanças culturais. São vários os fatores que provocam tal situação. Pode-se citar a aproximação com as cidades, a entrada dos meios de comunicação e as necessidades econômicas dos colonos como motivações para as transformações sociais dessas comunidades.

As cidades, ao se expandirem, acabaram entrando em contato com as regiões rurais. Essa aproximação acaba provocando o contato do colono com outras formas de culturas. Isso provoca novos hábitos e a perda de costumes antes solidificados na vida do homem da colônia.



O consumo é um exemplo claro dessa situação. A proximidade com os centros urbanos permite a compra de produtos antes feitos na própria propriedade. O caso do pão é exemplar. Atualmente algumas famílias adquirem na cidade o alimento antes produzido pelas mulheres. Ao poucos, a produção de outros manufaturados como salames, queijos e geleias também deixa de ser realizada.

As transações bancárias, a ida à escola e a compra de utensílios para a propriedade também são facilitadas pela presença das cidades. A escola tem influência direta na vida dos colonos ao não permitir o aprendizado da cultura dos colonos e ao apresentar um modo de vida típica da zona urbana. O modo de falar e a perda gradativa do dialeto são exemplos da responsabilidade da escola. Os mais novos e que têm a oportunidade de frequentar o colégio na cidade já não são tão acostumados com o dialeto; entendem-no, mas não o falam.

As gerações mais novas, inclusive, são as que se mostram mais receptivas e as grandes provocadoras das alterações analisadas. As mulheres também fazem parte do grupo com maior potencial para promover mudanças. Os jovens, ao terem um contato quase diário com as zonas urbanas, levam para casa a influência das novas culturas. As mulheres, ao terem um grau maior de escolaridade, também apresentam maior receptividade às novidades culturais. A escolaridade elevada das mulheres em relação aos homens, provavelmente, justifica-se, porque eles são mais utilizados no trabalho rural, que necessita de maior esforço braçal.

A alta escolaridade das mulheres incentivou a saída delas em direção às cidades. O que provoca dificuldade dos homens em encontrarem pretendentes para o casamento. Com isso, não é raro encontrar casais cuja diferença de idade seja relativamente grande. Os homens da colônia passaram a procurar suas esposas na cidade, e estas são normalmente mais velhas.

O consumo das comunidades rurais também é influenciado pela presença dos meios de comunicação. Se a proximidade das regiões rurais com a zona urbana efetiva o encontro da cultura do colono com a do homem urbano, as mídias acentuam essa proximidade do ponto de vista ideológico. Assim, o comportamento dos indivíduos do campo é fortemente influenciado pela presença da televisão.

A televisão está em todas as casas dos agricultores entrevistados. Na zona de minifúndio essa relação do colono com a televisão é mais acentuada. Primeiro porque nessa região a eletricidade chegou primeiro, em segundo, porque a rentabilidade das propriedades de colonização italiana é maior e, assim, as facilidades de compra de aparelhos de TV e computadores são maiores.

A televisão de fato já faz parte da vida dos colonos, mas não se pode dizer que o computador e Internet tenham entrado na zona rural. Os mais jovens, novamente, são os



protagonistas do avanço dessas tecnologias. São as faixas etárias mais novas, por exemplo, que utilizam a Internet. O uso é restrito, na maioria das vezes, para trabalhos escolares, ocupando o computador o espaço deixado pela máquina de escrever. Em casos raros, os chefes de família utilizam o computador e quando o fazem é porque o trabalho exige.

Se a Internet busca espaço nas áreas rurais, a televisão já se estabeleceu por ali. A presença televisiva é bastante significativa para se entender as mudanças que ocorrem nessas regiões. Os colonos normalmente a assistem nos horários da noite, com hegemonia para a Rede Globo. As atrações mais vistas dizem respeito a programas noticiosos e novelas. Entre os programas mais citados, encontram-se o Jornal Nacional e o RBS Notícias, um número menor acompanha o Jornal do Almoço. Os agricultores assistem, também, às novelas, principalmente, as da faixa das oito horas.

A televisão ajuda a modificar o comportamento dos indivíduos das comunidades rurais. Ao mostrar atitudes diferentes das vividas pelos agricultores, os programas televisivos, especialmente os de entretenimento como as novelas, mostram possibilidades de novas experiências aos agricultores. Claro que a absorção dessas novas possibilidades não se dá de forma igual e, talvez, não chegue a promover as mesmas mudanças a todos os indivíduos, porém é inegável que certas situações corroboram com as mudanças iniciadas por outras variáveis.

As mudanças nos hábitos de consumo passam também pela influência da televisão. Na medida em que o agricultor passa a assistir diariamente os comerciais e as propagandas exibidas na TV, ao homem do campo são mostradas novidades de produtos. Já, as novelas, ao apresentarem relacionamentos e comportamentos diferentes do homem do campo, influenciam a vida do agricultor.

Hoje os jovens do interior já adquiriram o hábito dos relacionamentos rápidos dos jovens urbanos. Os chefes de família, em contrapartida, já não são tão restritivos aos namoros dos filhos em casa. As filhas dos proprietários, em alguns casos, passam o final de semana na casa do namorado, situação que era impensável no passado.

As roupas também não são mais produzidas pelas próprias famílias. Agora, elas são compradas nas cidades. O mesmo ocorre com os demais trabalhos manuais como crochê e tricô. Essas situações demonstram, em certa medida, o papel da publicidade, o de criar novas necessidades na vida das pessoas.

O hábito religioso também vem sendo alterado nas comunidades rurais. As missas agora podem ser acompanhadas pela televisão, sem a necessidade de sair de casa. Enquanto



isso, as rezas em família, antigamente feitas no horário da noite, cederam lugar para o culto à televisão.

Com relação às zonas de latifúndio, pode-se dizer que, excetuando-se as grandes fazendas, que foram descartadas pela pesquisa, há uma grande pobreza. Nessa região a Internet é algo de difícil acesso. Há lugares onde ainda não tem sequer energia elétrica, quanto mais acesso à *Web*.

A pesquisa teve grandes dificuldades em encontrar residências onde houvessem computador e Internet, até porque as terras estão hoje muito divididas e a maioria dos habitantes não tem o ensino básico completo. Como é zona de campo, seus habitantes também não têm o hábito de plantar, trabalham esporadicamente para outras pessoas e vivem praticamente isolados.

As mudanças econômicas também alteram a situação cultural das comunidades rurais do Rio Grande do Sul. As novas tecnologias agrícolas facilitam o trabalho no campo, no entanto, alteram a finalidade do produto. A produção para subsistência cede espaço para as trocas comerciais. O trabalho hoje praticamente não conta mais com a presença dos filhos dos proprietários. Em alguns casos, os agricultores precisam contratar mão-de-obra da cidade.

O turismo é outro fator que colabora para as transformações sociais nas comunidades rurais. Ao adentrar as comunidades do interior, essa atividade econômica modifica a ordem estruturada, leva para as regiões rurais novas perspectivas financeiras e destitui a situação familiar local.

A presença do turismo

A Serra Gaúcha é um dos destinos mais procurados no país. A procura se deve em muito às características próprias da região, que a distinguem do restante do Brasil. O clima frio e as paisagens serranas são cativantes aos turistas. Se o Nordeste Gaúcho é extremamente visitado, a interação entre o agricultor e os visitantes altera a formatação cultural, assim como a necessidade empresarial também corrobora com essas mudanças. Rocha analisa, justamente, como o turismo apresenta situações antagônicas:

Se por um lado (o turismo) pode criar renda e desenvolvimento econômico (economia), por outro, pelo entrelaçamento cultural das relações entre visitante e visitados (Sociologia-Antropologia), pode gerar conflitos e expectativas de consumo, especialmente nos mais jovens, ainda, gerar resíduos e poluição pelo aumento desproporcional do uso dos recursos naturais locais (Ecologia) (ROCHA, 2006, p.7).



Esse lado ambíguo do turismo também se insere nas comunidades pesquisadas. Do ponto de vista econômico, o turismo rural apresenta uma nova possibilidade de ganho financeiro, mas propicia mudanças de hábitos e tradições. A atividade turística faz com que os agricultores formalizem empresas rurais, que acabam destituindo a hierarquia familiar de antes.

A relação pai e filho, sempre considerado de respeito deste para com aquele, vai perdendo a característica. Hoje os jovens fazem recomendações aos pais que, normalmente, acatam. A vinda de empregados da cidade, como garçons e turismólogos, dão um tom mais empresarial à vida da colônia. Em outro aspecto, essa situação provoca a proletarização do campo, pois leva às zonas rurais uma característica típica da cidade.

Aspectos que permanecem

Embora sejam perceptíveis as mudanças nos hábitos de vida das famílias do interior das cidades pesquisadas, muitos aspectos e costumes mantiveram-se ao longo do tempo. Deve-se destacar a produção agrícola como um exemplo. Mesmo com as tecnologias da produção e com as novas possibilidades de culturas, os agricultores plantam os mesmos produtos da época de seus pais. Embora hoje a produção seja comercializada, a uva, o milho e o feijão continuam entre as principais lavouras.

A produção de vinho também permanece como uma atividade corriqueira entre os colonos entrevistados. Normalmente, a produção ocorre no porão da casa, aliás, as casas com porão continuam. O que mudou foi o material feito para construí-las, antes a madeira e agora, os tijolos e o cimento.

Considerações finais

A Globalização provoca novas estruturas sociais. Em alguns locais essas transformações são mais visíveis; em outras, elas acontecem de modo mais tímido. Mas, de fato, nenhum segmento da vida social parece conseguir ficar longe das suas reações.

As regiões rurais se mostram atrasadas quando o assunto é a inserção dos meios de comunicação e das novas tecnologias, se comparadas com as cidades. Mas não passam imunes às transformações com a chegada da televisão e o início do ingresso do computador e da Internet nessas comunidades.



Como visto, essas modificações são ocasionadas por uma série de fatores que têm como alicerces as novas tecnologias, as transformações do capitalismo contemporâneo, entre elas o foco em atividades de prestação de serviços, como o turismo, e os mecanismos de adaptação da própria cultura, como por exemplo, o contato com outras culturas.

Referências

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littório: o fascismo no RS**. Porto Alegre, RS: Suliani, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LIPOVETSKI, Gilles. **Metamorfoses na cultura liberal: ética, mídia, empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto. Cultura, turismo e comunicação: uma abordagem integrada. In: POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp; LEBRETON, Max. **Interfaces: cultura, comunicação e turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

_____, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. Identidade: cultura e memória. In: POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp; LEBRETON, Max. **Interfaces: cultura, comunicação e turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

_____, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897 – 1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

ROCHA, Jeferson M. (Org.). **Turismo, economia e gestão**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2ed. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Apresentação. In: BAIRON, Sérgio; PETRY, Luís Carlos. **Hipermídia, psicanálise e história da cultura: making of**. São Paulo, SP: Mackenzie/co-edição com EDUCS, 2000.

STRAUBHAAR, Josephn D.; LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.